

# Lições do humanismo desta revolução

## ● A propósito da reunião dos comprometidos

O observador activo do processo revolucionário em Moçambique facilmente descobre nessa História o Humanismo praticado e defendido como um valor supremo, um valor conquistado com sacrifício e sangue de muitos patriotas desta terra. Uma análise serena às páginas que começaram a ser escritas com o sangue de Setembro constata que, na verdade, «fizemos a guerra para acabar com a guerra, porque respeitamos a vida da pessoa humana».

Vem isto a-propósito da reunião da Direcção do Partido e Estado com os cidadãos no passado comprometidos com o regime colonial-fascista português. Aqueles cidadãos moçambicanos que a Revolução moçambicana não fuzilou nem prendeu, mas com eles dialogou sem preconceitos. Uma lição que a nossa História dá e que não deixa de explicar a capacidade criadora na aplicação das leis da Revolução.

Com efeito, a Frente de Libertação de Moçambique praticou sempre a política de clemência em relação aos soldados portugueses capturados ou aos que voluntariamente se entregavam. Nas zonas libertadas vimos desfilar muitos filhos do Povo português, a caminho da liberdade. Ali viveram em bases guerrilheiras; de lá seguiram o destino geográfico que eles próprios escolheram.

No seio da própria Frente, o princípio de reeducação (*esta cren-*

*ça na transformação do Homem*) tornou-se uma prática consagrada de reintegrar aqueles que, por circunstâncias diversas, consciente ou inconscientemente, cometiam desvios. Quer dizer, primeiro que tudo, nas decisões da Frelimo sempre esteve presente o factor Homem. E em todo este processo, uma constante: a discussão franca, a análise profunda e frontal, sem preconceitos nem vinganças de qualquer espécie, «porque só os homens pequenos fazem vinganças» — e Moçambique não é um país de homens pequenos. Estes, não têm pátria.

Para muitos seria anormal não matar o soldado inimigo capturado; seria desonroso não torturar o soldado fugido de um quartel inimigo. Mas nas bases guerrilheiras da Frente de Libertação de Moçambique (falo por vivência própria), o desertor ou o prisioneiro de guerra merecia a melhor das atenções. Nos períodos de fome e de chuva, não faltou comida e manta para o soldado português; naquelas bases não faltou bota e camuflado para ele, enquanto o guerrilheiro, roto e faminto, o defendia dos ataques. Foi o guerrilheiro quem evacuou o desertor e o prisioneiro para a floresta densa e para as montanhas, nas horas das investidas contra as bases da guerrilha.

Entretanto, nos quartéis inimigos, nas celas da PIDE, compatriotas nossos eram esmagados tal

como o elefante esmaga as formigas. Em Agosto de 1974 os combatentes da liberdade prenderam uma unidade inimiga nas proximidades do Rovuma. Mas nem uma palavra de ameaça contra ela. Em troca, quantos guerrilheiros da Frelimo foram devolvidos à sua trincheira?

Não sem a estupefacção das análises precipitadas e superficiais, em 1974, em Nachingwea, a Frente de Libertação de Moçambique amnistiava, publicamente, a pacotilha de Simango, Nkavandame e os seus sequazes. Dava-lhes a oportunidade de viverem o tempo que a sua vida permite. Que respeito pela vida! Noutra tempo e espaço o seu destino não teria sido esse...

Há oito meses, o Partido Frelimo, na pessoa do seu Presidente, interveio vigorosamente na problemática dos campos de reeducação e aí desencadeou a Ofensiva da Legalidade. No fundo desta batalha pelo respeito à Lei está, mais uma vez, a defesa do respeito pela pessoa humana. Está a coerência de princípios e da prática que a Revolução encarna.

Ainda não há muito, foram postos em liberdade os elementos que em Dezembro de 1975, manipulados por interesses egoístas, utilizaram o cano das armas na tentativa de se imporem como poder. É esta evolução dialéctica que renova e enriquece a teoria e a prática revolucionárias, que o Homem se transforma é uma verdade insofismável.

Ou seja, ao longo de vinte anos de luta e triunfo, este processo tem dado lições pedagógicas que a História contemporânea não deixará de registar nas suas páginas. Os inimigos desta luta podem acusar o nosso processo de sanguinário, de morte. Não são, contudo, capazes de provar o humanismo deles. As páginas que escreveram e escrevem cheiram a podridão do massacre, do genocídio e do assassinato — cheiram a podridão e à cobardia dos crimes contra a vida. As páginas que esses inimigos deixam ficar (a História regista-as) são páginas da vergonha, da fúria centrada em mãos sanguinárias.

«O nosso povo, tal como os outros povos, ama a vida. E é precisamente porque ama a vida e a quer viver em paz e progresso, que não pode tolerar os crimes que po-

nam em causa a sua segurança e do seu Estado, crimes que atentem contra a Revolução que lhe é tão cara» — cito o número três do preâmbulo da Lei dos Crimes contra a Segurança do Povo e do Estado Popular. Esta Lei não é senão a teorização, a nível de Estado soberano, de princípios cultivados pelo cano que matou a morte imposta pela guerra de agressão colonial-imperialista.

Só fazendo este recuo no tempo se pode, de forma correcta, contextualizar o processo de reintegração dos antigos colaboradores do colonialismo. Homens a quem o Poder Popular, mais uma vez, dá a oportunidade de provarem se têm, já, os pés assentes nesta terra que também lhes fora negada e que a conquista da independência lhes restituiu a eles também. Estes moçambicanos que gritaram serem *compatriotas*. É belo ter uma Pátria; é humilhante não ter uma Pátria. Que o diga o heróico Povo da Palestina amordaçado pelo sionismo.

Muito se pode escrever; muitos outros factos podem ser descritos. No entanto, tudo desemboca na mesma foz: coerência de princípios e da prática, o Homem acima de tudo o resto, o respeito pela vida e o amor por ela. São lições que esta Revolução deu, dá e dará. O Professor Aquino de Bragança tem dito, repetidas vezes, que a experiência da Frelimo é uma experiência pedagógica com alto grau de riqueza. E assim o é de facto.

Que o processo de reintegração dos comprometidos seja visto no seu ângulo correcto e não com sensacionalismos imediatos que uma reunião daquela natureza inevitavelmente provoca. Que a análise do passado não sirva de argumento para vinganças pessoais sejam de quem for. A Revolução tem desses momentos de angústia, momentos que abalam os espíritos. Mas o Homem tem a capacidade inigualável de reflectir serenamente e andar para diante.

CELESTINO JORGE